

UCRANIZAÇÃO, POLONIZAÇÃO E RUSSIFICAÇÃO: entre a colonização e a guerra da Rússia na Ucrânia UKRANIZATION, POLONIZATION AND RUSSIFICATION: between colonization and Russia's war in Ukraine

Claudio Cavalcante Junior¹

RESUMO: Este artigo aborda noções como “ucranização”, “russificação” e “polonização” que ao longo da história da Ucrânia tomaram a forma de políticas públicas e tiveram impacto sobre populações ucranianas em situação de dominação sob diferentes impérios. Com a atual guerra russo-ucraniana, a questão dos direitos culturais de determinados grupos étnicos ou nacionais, assim como a necessidade de reforçar a identidade nacional ganha importância no contexto de combate a um genocídio.

Palavras-chaves: Ucrânização; russificação; polonização; história da Ucrânia; Holodomor.

ABSTRACT: This article addresses notions such as “Ukrainization”, “Russification” and “Polonization” which throughout the history of Ukraine took the form of public policies and had an impact on Ukrainian populations in situations of domination under different empires. With the current Russian-Ukrainian war, the issue of cultural rights of certain ethnic or national groups, as well as the need to reinforce national identity, gains importance in the context of combating genocide.

Keywords: Ukrainization; russification; polonization; history of Ukraine; Holodomor.

INTRODUÇÃO

Neste artigo trato das noções como polonização e russificação que por séculos tiveram um papel importante na historiografia dos territórios ucranianos, processos pelos quais passaram populações ucranianas sob domínio polonês, austríaco e russo ou soviético. A Ucrânização, na historiografia da Ucrânia, designa o processo de etnificação e/ou nacionalização de uma população, categoria usada sobretudo, na Ucrânia soviética na primeira metade do século XX no contexto da política de indigenização (em russo *korenizátsia*) (APPLEBAUM, 2019, p. 104). No século XIX, vemos processos etnificadores ou nacionalizadores com intensidade na Europa como, que em certos casos estavam associados a um “Nacionalismo oficial” que toma a forma, por exemplo, com a magiarização e russificação (SETON-WATSON, 1977, p. 148). Ao nos depararmos com material que trata da história da Rússia e da Ucrânia, vemos que algumas questões não estão tão distantes de

¹Mestre em antropologia pelo Programa de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF), doutorando do Programa de pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ). E-mail: cavalcante1981@hotmail.com.

temas ainda em voga, como a relação entre a Rússia e o “Ocidente” (“West”) (op. cit., p. 85). Este é um tema fundamental no movimento nacional russo desde o Império, passando por revoluções, pela União Soviética e chegando ao Império de Putin. Ao passo que vemos semelhança entre seu regime e os 3 princípios em que a Rússia (tsarista) estava baseada, como apontou Uvarov em 1832: (1) autocracia, (2) ortodoxia e (3) nacionalidade (op. cit., p. 84). É mister apontar que a Igreja ortodoxa na Ucrânia foi um pilar para o regime tsarista, já que o metropolita de Kyiv estava sob a autoridade do patriarca de Moscou desde 1686, desta forma ela era russificada (SUBTELNY, 2009, p. 400). Ao longo da União Soviética o Patriarcado de Moscou se alinhou ao Kremlin e atualmente se mantém alinhado a Putin, fonte de conflitos na Ucrânia, sobretudo a partir da invasão russa em total escala em 2022².

1. A POLONIZAÇÃO DOS UCRANIANOS/RUTENOS³

Nos dois impérios em que viviam ucranianos, havia promoção de passagem étnica, com a tentativa de polonização (no Império Austro-Húngaro) e russificação (no Império Russo) (op. cit., p. 303). Estes processos continuam mesmo após o fim do regime de servidão em 1848 no Império Austro-Húngaro (op. cit., p. 251) e no Império Russo em 1861 (op. cit., p. 254). Antes das populações ucranianas serem vítimas da russificação, a nobreza “ucraniana” se poloniza a partir da segunda metade do século XVI (MAGOCSI, 2002, pp. 8, 11). Esta classe foi incorporada culturalmente às elites polonesas, o que pode ser chamado de primeiro processo de polonização dos ucranianos, então restrito a nobreza (SUBTELNY, 2009, pp. 80, 94). Naquele contexto, a ortodoxia, língua e costumes ucranianos se tornam associados às classes baixas (op. cit., p. 96). Há uma polonização da população urbana depois da conquista da Galícia, que tinha como principal característica a adoção do catolicismo pelos nobres ucranianos que até então eram ortodoxos (op. cit., pp. 87-89). Nesse processo, a nobreza ucraniana abraça além do catolicismo, a língua e cultura polonesa (op. cit., p. 95). Na Galícia, o clero greco-católico⁴ se tornou liderança desde os séculos XVI

² Conferir <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/10/19/parlamento-ucraniano-vota-proibicao-de-igreja-ortodoxa-vinculada-a-moscou.ghtml>. Acesso em 09/04/2024.

³ Conferir sobre rutenos e ucranianos em SETON-WATSON, 1977, p. 165 e GUERIOS, 2007, p. 190.

⁴ Sobre a história da Igreja greco-católica ucraniana, conferir <https://ugcc.ua/en/church/history/>. Acesso em 30/08/2023.

e XVII quando a nobreza nativa se aliena dos camponeses em meio a polonização (op. cit., p. 214).

Era um contexto em que a divisão social na região da Galícia Oriental coincidia com a etnicidade, assim a maioria dos ucranianos era serva, outra parte era formado pelo Clero (primeiro ortodoxo e, a partir do final do século XVI, “uniata” ou seja “greco-católica”) (MAGOCSI, 2002, p. 11). Mesmo com o fim da soberania polonesa no século XVIII, há a manutenção daquela estrutura social, em que ucranianos eram servos de nobres poloneses (*szlachta*) (SETON-WATSON, 1977, p. 123). A perda da independência da Polônia não impediu que o processo de polonização avançasse, inclusive entre não-ucranianos, como no caso, no século XIX na “Polônia do congresso” (sob domínio russo), entre os lituanos, antigos aliados, o que ocorria com muita força em espaços como na Universidade de Vilnus (op. cit., p. 125). Na verdade, houve um processo mais intenso de polonização após as guerras napoleônicas, um momento em que já havia uma intelligentsia ucraino-galiciana, sobretudo clérigos que foram expostos às ideias do nacionalismo romântico (MAGOCSI, 2002, p. 15). Algumas décadas depois emerge a identidade nacional (ucraniana), que se tornar um fato importante na vida galiciana, sobretudo a partir de 1848 (op. cit., p. 22), período em que a intelligentsia “ucraniana” na região estava dividida entre os “velhos rutenos⁵”, ucrainófilos e russófilos (Idem).

O processo de polonização envolveu os padres católicos (latinos) jesuítas (Companhia de Jesus) que estavam presentes na Ucrânia Ocidental desde 1569, onde estabelecem escolas e focam sua atenção em ações sobre os cristãos ortodoxos (SUBTELNY, 2009, p. 94). Esse assédio às populações ucranianas contribuiu para que por muito tempo estes ficassem sem liderança (op. cit., p. 95). Posteriormente surge a já citada Igreja uniata (atualmente Igreja greco-católica ucraniana) a partir da iniciativa de bispos ortodoxos ucranianos, que se unem a Roma, mantendo as tradições de sua igreja e hierarquia próprias⁶. Esta também foi vítima da polonização quando autoridade católicas tentaram impor o calendário romano (gregoriano) (op. cit., p. 313). Naquele contexto, tratava de uma forma de polonização dos ucranianos (op. cit., p. 316). A latinização não atingia a Ucrânia Oriental, onde o clero era

⁵ Conferir as características deste movimento em <https://www.encyclopediaofukraine.com/display.asp?linkpath=pages%5CO%5CL%5COLDRuthenians.htm>. Acesso em 09/04/2024.

⁶ Conferir, em seu site oficial, sobre o surgimento desta igreja sui juris, <https://ugcc.ua/en/church/history/union-of-brest/>. Acesso em 04/04/2024.

russificado, os ucranianos continuaram sendo cristãos ortodoxos e seu impacto no movimento nacional foi mínimo (op. cit., p. 322). Aliás a russificação foi atrasada em parte da Ucrânia outrora sob domínio polonês, onde já havia sido consolidados “elementos ocidentais”, ou seja, onde já havia traços marcantes de polonização (op. cit., p. 122).

Os greco-católicos ucranianos “sobrevivem” no império dos Habsburgos e terá um papel importante no movimento nacional ucraniano, combatendo o processo de polonização (SETON-WATSON, 1977, p. 122). Em meados do século XIX, começa a surgir o movimento nacional ucraniano que convive com a lealdade dos ucranianos ao imperador austríaco, que faz com que os rutenos/ucranianos fossem chamados de “tirolezes do leste” (SUBTELNY, 2009, p. 219). No período pós-1848, em meio a emergência deste movimento nacional ucraniano, surgem correntes ideológicas que concorrem entre si e reivindicam distintas demandas como o Rutenismo (*rutenstvo*) (op. cit., pp. 218-219). Este movimento foi produto das reformas que identificava os ucranianos exclusivamente com a Galícia, o greco-catolicismo e a casta dos sacerdotes, em que estes reivindicavam mais privilégios (op. cit., p. 219).

Outra corrente, o ucrainofilismo na Galícia Oriental, ultrapassa as fronteiras dos Estados naquele período abrangendo ucranianos dos dois impérios, com estabelecimento de relações com ucrainófilos⁷ de região dominada pela Rússia (op. cit., p. 241). O ucrainofilismo que demandava maior autonomia aos territórios com população ucraniana atraiu ucranianos para os territórios ucranianos sob o domínio austríaco, já que a base organizacional do movimento era a Galícia Oriental no século XIX (SUBTELNY, p. 251, 2009). Concorrendo no mesmo período, o russofilismo, movimento minoritário, defendia “que os ucranianos eram parte da nação russa” (MAGOCSI, 2002, p. 22). O movimento nacional ucraniano ganha força no início do século XX, sobretudo o movimento que reivindica a formação de um estado-nacional ucraniano abrangendo territórios nos impérios inimigos da Primeira Guerra Mundial (Rússia e Áustria), onde regimentos com ucranianos lutam em lados opostos e há a tentativa da formação de um estado ucraniano independente e soberano que fracassa. A parte ocidental da Ucrânia fica sobre o domínio da Polônia, que se consolidada como estado independente no pós- Primeira Guerra (op. cit., p. 28).

⁷ Entre ucrainófilos famosos, estava o poeta Taras Shevchenko (SUBTELNY, 2009, p. 280).

No contexto do final da Primeira Guerra Mundial, houve a ucranização de unidades ucranianas do Exército russo (MOTYL, 1980, p. 11). O 34º corpo do Exército do general Pavlo Skoporadskyi, que reivindicava ser um *hetman* cossaco, era “ucranizado” (op. cit., p. 13). No período em que a Ucrânia tentava se manter independente, Skoropadsky deu início a uma “ucranização da educação e cultura” (SUBTELNY, 2009, p. 359). No período entreguerras, houve a polonização das escolas ucranianas na Galícia então incorporada à Polônia (MOTYL, 1980, p. 90, p. 139; SUBTELNY, 2009, p. 428). Naquele contexto surge movimentos nacionalistas como a UVO (Organização Militar Ucraniana)⁸ e, a partir do fim desta, a OUN em 1929 (com muitos egressos de unidade ucraniana do exército austríaco). Este movimento reivindicava ser a única organização que poderia administrar o futuro estado ucraniano (MOTYL, 1980, p. 157). Entre seus projetos, a OUN projetava uma política para religiões, cujas instituições seriam ucranizadas, o que inclui o apoio ao “desenvolvimento da Igreja nacional ucraniana” (op. cit., p. 161). Este movimento era ativo na Galícia Oriental, uma região multiétnica até a Segunda Guerra Mundial, lembrando que a russificação não atinge a Galícia até pelo menos a segunda metade do século XX, visto que apenas no contexto da Segunda Guerra e Pós Segunda Guerra que a região passa a ser dominado pela URSS.

2. A RUSSIFICAÇÃO DOS UCRANIANOS NO IMPÉRIO DOS ROMANOV

Desde o período do Império russo, foi forjado na historiografia russo-soviética o mito das duas rússias: a grande (Rússia propriamente) e a pequena (Ucrânia) (SERHIYCHUK, 2022, p. 32). A Ucrânia ou *Maloróssia* (“Pequena Rússia”) no contexto do Império Russo, era a região cuja língua falada pela população seria o “pequeno russo”, o que identificamos como uma marca da russificação que agrega a reivindicação de uma história em comum, da convivência em um mesmo estado soberano medieval serviu de base para o processo de russificação dos ucranianos, além de servir para desqualificar a existência de um estado e nação ucraniana. A russificação não atingiu apenas ucranianos. Seton-Watson trata da política de russificação do Império (SETON-WATSON, 1977, pp. 85-87) que inclui casos

⁸

Conferir

<https://www.encyclopediaofukraine.com/display.asp?linkpath=pages/U/K/UkrainianMilitaryOrganization.htm>. Acesso em 14/08/2024.

particulares como na Finlândia, então sob domínio dos Romanov (op. cit., p. 72), de príncipes “tártaros russificados” (op. cit., p. 81) e da russificação dos poloneses (do Congresso) (op. cit., p. 128). O marco inicial da russificação dos ucranianos teria sido o momento em que Moscou engaja ucranianos na apropriação de terras ucranianas selvagens na segunda metade do século XVI (SERHIYCHUK, 2022 pp. 32-33). O Tsar já no século XVII consegue absorver alguns grupos como os Cossacos do (Baixo rio) Don que já eram fieis ao Tsar nos importantes anos de 1648 e 1649 (op. cit., p. 33). Os habitantes dos territórios ucranianos a partir do século XVII, começa a absorver os cossacos que lutaram para serem livres, mas acabam em grande medida “desucranizados” (SIMONE, 2022, p. 436). A russificação de parte dos cossacos ocorre com casamento no projeto que diluía o ucranianismo contribuindo para a perda da “identidade nacional” (SERHIYCHUK, 2022, p. 33). Este método de russificação com casamento havia se constituído como política no século XVII e volta a ser uma política (forçada) depois que o *hetman* Ivan Mazepa perde a Guerra contra a Rússia na batalha de Poltava em 1709 (op. cit., p. 35). É importante apontar que no período de Mazepa, ocorre o primeiro extermínio brutal de ucranianos pelos russos (Idem).

No século XIX, é consolidada a russificação da Crimeia que começou em 1786, período em que todos os habitantes da península eram tártaros (op. cit., p. 37). É preciso apontar que a política de migração de ucranianos foi parte das políticas de russificação (op. cit., pp. 38-9). Os ucranianos (que viviam no Império dos Romanov) vão para regiões agricultáveis não colonizadas chegando ao extremo oriente e ao longo deste processo se tornam russos (op. cit., p. 39). Desta forma constatamos que a Ucrânia foi alvo do colonialismo russo desde o período Tsarista (DZYUBA, 1968, p. 82). A russificação é parte da política colonialista e, antes do século XX, vemos o processo de russificação de outras formas, como nas escolas (op. cit., p. 85), ou territórios como Brest, que sediou o evento que formou o que hoje é a IGCU, atualmente na Belarus, com a sua substituição de clérigos locais por russos ortodoxos (SERHIYCHUK, 2022, p. 39). Subtelny dá grande importância a russificação e centralização que ocorre no período de Catarina II nas últimas décadas do século XVIII (SUBTELNY, p. 172, 2009). A política de russificação ganha impulso no reinado de outros tsares ao longo do século XIX (op. cit., p. 210). Assim como nos territórios dominados pelos poloneses, a russificação começa tendo como alvo a elite ucraniana em

meados do século XIX, processo que se consolida como política de estado em 1870 (SERHYICHUK, 2022, pp. 43-44; SUBTELNY, p. 274, 2009).

Naquele contexto, o movimento nacional ascendente ucraniano foi cerceado e um conjunto de leis feitas para restringir o uso da língua e o desenvolvendo da cultura ucraniana a partir de 1861, após o fim da Irmandade de São Cirilo e São Metódio (SUBTELNY, p. 237, 2009)⁹. A perseguição a intelligentsia ucraniana na Rússia fará com que muitos busquem refúgio na Galícia Oriental, no Império Austro-húngaro, onde darão prosseguimento ao desenvolvimento do movimento nacionalista, o que inclui personagens como Myhailo Hrushevskyi¹⁰ e Mykhailo Drahomanov¹¹. As políticas antiucranianas do governo tsarista contavam com apoio de setores da sociedade russa e só começam a ser revertidas após a revolução de 1905, quando surge a demanda por ucranização da educação em especial na educação elementar, apesar da resistência do governo (op. cit., pp. 298-299). Naquele mesmo ano, a Academia de Ciência de São Petersburgo reconhece a existência da língua ucraniana (SETON-WATSON, 1977, p. 188). É importante esclarecer que a Revolução russa de 1905 foi mais uma revolução não-russa contra a russificação do que uma revolução de trabalhadores, camponeses e intelectuais “radicais” contra a autocracia, desta forma houve ganhos que duraram apenas até 1907 (op. cit., p. 87). Naquele ano, a educação “ucranizante” chegou ao fim, em um contexto em que jornais russos apontavam os “perigos do ucranianismo” (SUBTELNY, p. 299, 2009).

3. INTERNACIONALISMO ENQUANTO UCRANIZAÇÃO

A luta contra a russificação do chamado “chauvinismo grã-russo” e da “ideologia do grande poder” que marcou a Rússia tsarista sobrevive a revolução bolchevique (DZYUBA, 1968, p. 43). Para Lenin, havia nacionalismo de “grande nação” e de “pequena nação” (op.

⁹ De 1863 a 1876, se consolidada a política antiucraniana do Tsar com restrições além do uso da língua ucraniana, a de associação dos ucranianos (SUBTELNY, 2009, p. 297). Um dos exemplos de legislação que tem como alvo os ucranianos é o *Ems Ukaz* de 1876 do Tsar Alexandre II (op. cit., p. 283).

¹⁰ Conferir uma breve bibliografia em <https://www.encyclopediaofukraine.com/display.asp?linkpath=pages%5CH%5CR%5CHrushevskyMykhailo.htm>. Acesso em 09/04/2024.

¹¹ Conferir uma breve bibliografia em <https://www.encyclopediaofukraine.com/display.asp?linkpath=pages%5CD%5CR%5CDrahomanovMykhailo.htm>. Acesso em 09/04/2024.

cit., p. 61). Ele sabia que o “chauvinismo russo” representava o primeiro tipo de nacionalismo e era uma “herança da história” (op. cit., p. 62). É nesse contexto em que a russificação tem uma cara nova, em que emerge a defesa do internacionalismo como valor único da vida de cada nação (op. cit., p. 48). Esta é a base de defesa do sentimento internacionalista-nacional como alternativa ao nacionalismo muito combatido na URSS (op. cit., p. 49). Desta forma, dentro de algumas perspectivas, tratou-se da verdadeira política internacionalista leninista, no contexto em que havia uma carga negativa pesando sob o nome “ucranização”, um projeto que, como mostrarei, durou poucos anos (op. cit., p. 53).

Após alguns anos da Revolução de 1905, a repressão (com russificação) volta com força em 1908 (SETON-WATSON, 1977, p. 188). Nos primeiros anos da URSS, como mostrarei, houve altos e baixos que acabaram com um novo processo de russificação (op. cit., pp. 302-3). Lenin rejeitava a “russificação cultural”, já que para ele outras línguas e culturas deveriam ser respeitadas, entretanto, sua influência na liderança da URSS dura pouco tempo (op. cit., p. 314). No início da URSS, havia diferentes pontos de vista na questão da nacionalidade (DZYUBA, 1968, p. 37). Um desses pontos era o do grande poder russofilista, que não se manifesta no partido comunista, onde o ucrainofilismo estava presente (op. cit., p. 37). Ali estava um ponto decisivo: haveria continuidade, produto do Imperialismo da grande Rússia e chauvinismo do grande poder tão criticada por Lenin ou não (op. cit., p. 42)? Lenin garantiu autonomia formal às nacionalidades minoritárias do antigo império (LOUREIRO, 2022, p. 56). Ele nunca aprovou a absorção ou “amalgamação” de uma nação menor, desta forma, a noção de assimilação não estava na “teoria do comunismo científico” (Idem), já que seria um tipo de assimilacionismo idêntico ao “colonialismo”, o que de fato permitiria a expansão da russificação sem justificativa (DZYUBA, 1968, pp. 45-p. 47). Desta forma, ele lutou contra o “nacionalismo chauvinista russo”, o que motivou a adoção da política de indigenização adotada oficialmente em 1923 (LOUREIRO, 2022, p. 57). No contexto do início da União Soviética, a “ucranização” fortaleceu o nacionalismo ucraniano sem ensinamentos revolucionários, revertido por Stalin, um georgiano russificado, no início da década de 1930 com através de um novo processo de “russificação” (Idem).

Como podemos ver, reformulado pela abordagem de Ivan Dzyuba, em texto escrito na década de 1960, a ucranização foi a versão local daquilo que podemos identificar como o

Internacionalismo no contexto soviético, ou seja, seria a defesa da liberdade e equidade de todos os povos e luta contra o chauvinismo. O autor era um defensor do projeto soviético, mas crítico dos rumos que a URSS tomou com Stalin, ao escolher a russificação ao invés do internacionalismo. Para Lenin, a vitória da revolução não resolveu a questão das nacionalidades (DZYUBA, 1968, p. 24). Constatamos isso em seu discurso em Congresso do Partido e em sua obra “A questão das nacionalidades ou autonomização¹²” (op. cit., p. 25). Na década de 1920, houve uma mudança na política das nacionalidades com uma espécie de *nation-building* leninista revista posteriormente por Stalin (op. cit., p. 27). O autor explora mais as posições de Lenin sobre a questão das nacionalidades (op. cit., p. 31), mas naquele contexto havia um processo de russificação interno na URSS (op. cit., p. 33). No XII congresso do Partido Comunista em 1923, é acertado o apoio a culturas nacionais para libertar as nações de capitalismo (Idem). Aquele congresso apontou que o chauvinismo russo era uma “uma reflexão da antiga posição privilegiado dos ‘grandes russos’” (op. cit., p. 62). Para Lenin, era necessário salvaguardar os direitos e o desenvolvimento das minorias nacionais (op. cit., p. 171), entretanto Dzyuba acusa a URSS de promover a russificação com os mesmos métodos do período tsarista só mudando a fraseologia e valores¹³ (op. cit., pp. 177-178).

A partir da década de 1930, junto com a russificação da língua, há a russificação da cultura e da História na URSS, em que os ucranianos aprendem que só os poloneses foram seus inimigos enquanto os russos foram sempre seus amigos (SETON-WATSON, 1977, p. 315). Esta história russificada apontava que houve a “liberação” da Ucrânia por Catarina II (DZYUBA, 1968, p. 85). O processo de russificação atingiu os ucranianos para além dos limites da Ucrânia soviética alcançando o Kuban e norte do Cáucaso entre 1933 e 1937 (op. cit., p. 187). Os centros culturais e educacionais e escolas (ucranianas ou ucranizadoras) foram liquidadas no período (op. cit., p. 188). O caminho estava livre para a russificação através da educação e da língua visto que “a russificação linguística é o primeiro estágio para a russificação étnica” (op. cit., p. 189). Desta forma vemos que a russificação foi uma política genocida que visava a passagem étnica, além da substituição de um grupo populacional por

¹² Conferir versão em português deste texto, resgatado por Dzyuba, em <https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/download/33636/23162/91345>. Acesso em 07/05/2024.

¹³ Havia naquele contexto havia camuflagens da russificação como a Teoria do bilinguismo (DZYUBA, 1968, p. 178).

outro. A religião tem ao longo da história dos ucranianos relevante papel, o que não foi diferente no contexto da ucranização soviética. No período, a intelligentsia era reticente ao Patriarcado de Moscou, visto como bastião do conservadorismo social e anti-ucranianismo, quando já havia uma tolerância dos soviéticos a ucranização eclesial, com resistência do Patriarcado de Moscou (SUBTELNY, 2009, p. 400). Em 1921 houve a emergência da Igreja autocéfala ortodoxa ucraniana (UAOC) que inova ao substituir o eslavônio na liturgia pela língua ucraniana (op. cit., p. 401). As autoridades soviéticas encorajam igrejas dissidentes na Ucrânia, mas depois taxam a UAOC, passam a vê-las como ameaçadoras e perseguem clérigos (op. cit., pp. 401-402).

4. UCRANIZAÇÃO NA URSS

Na sua tentativa de criticar Stalin e valorizar o legado de Lenin, Ivan Dzyuba aponta que na Ucrânia na década de 1920, havia um enorme trabalho nacional-educacional que foi chamado de “ucranização” (ou desrussificação) (op. cit., p. 51). Naquele processo, a língua assumia a função de “símbolo vivo da individualidade coletiva do povo” (op. cit., p. 150). Desta forma, houve o fomento a língua ucraniana na Ucrânia soviética (1923) (op. cit., p. 156).

A língua ucraniana foi introduzida em todas as esferas da vida social, o conhecimento da história e cultura foi fomentado, foi desenvolvido um senso de pertencimento nacional e deveres nacionais de um comunismo ucraniano na literatura e a discussão no jornalismo extensivo dos problemas da nacionalidade foi permitido (...) [tradução livre da língua inglesa] (op. cit., p. 52)

O processo de ucranização que ocorreu na URSS na década de 1920, pode ser também descrito como uma “política afirmativa” (LOUREIRO, p. 57, 2022). Diferente de outros processos que tinham origem nos estados ou em um grupo etnonacional dominante como a polonização ou a russificação, a política de indigenização “visou promover culturas locais, fortalecer a educação em línguas nacionais e garantir acesso, via política afirmativa, a representantes das diferentes nacionalidades junto à estrutura de poder soviético” (Idem).

Apesar da aparente ruptura com o Império russo a partir da revolução bolchevique, há a continuidade de políticas do Império, onde na década de 1920, a língua russa era a

língua nativa de 10 milhões de não russos, ou seja, já havia população “russificada” (DZYUBA, 1968, op. cit., pp. 166, 168-169). Houve um pequeno período que prometia alguma prosperidade para populações não russas na URSS, por isso a década de 1920 foi visto por muitos como a idade de ouro para os ucranianos sob o Regime Soviético (SUBTELNY, 2009, p. 380). Desde o início da União Soviética, a questão ucraniana envolvia a questão nacional/étnica e de classe, devido à relação íntima nos territórios ucranianos entre a ucrainidade e o campesinato (SERHYICHUK, 2022, p. 69). Lenin e os bolcheviques apontavam a importância de “resolver o conflito que existe na Ucrânia entre o campesinato falante de ucraniano e o proletário falante de russo, entre o vilarejo ucraniano e a cidade russificada” (DZYUBA, 1968, p. 193). Com a ucranização, o proletário se tornaria portador da cultura ucraniana e promoveria a aliança com o campesinato (Idem).

Seria um processo em que a questão nacional seria subordinada a luta de classes (op. cit., p. 196). Apesar da formação de um aparato da ucranização nos centros industriais, aquilo vai gerar preocupação a Moscou (SERHYICHUK, 2022, pp. 90-91), já que a questão ucraniana passa a ser também urbana, até então uma questão do campo, pois muitas regiões ucranianas, o proletariado urbano era russificado (op. cit., p. 102, p. 104). Um contexto marcado pelo aumento das preocupações de que haveria uma perda do controle das autoridades centrais soviéticas ao se constatar a luta pela ucranização na URSS (op. cit., p. 93). Destarte entender a relação entre classe e grupo etnonacional é fundamental aqui e por trás disso estará não só o processo de ucranização idealizado pelo governo soviético, como a elaboração de um projeto genocida executado pelo mesmo governo na década de 1930¹⁴. Tudo parece tido início depois da morte de Symon Petliura¹⁵, quando Moscou instiga os ucranianos contra os judeus (SERHYICHUK, 2022, p. 91). Naquele contexto, surge a associação entre Petliura com a ucranização, quando os “petliuristas” são identificados como inimigos da URSS (op. cit., pp. 110, 113, 116).

¹⁴ Já na década de 1920, havia alertas e ameaças na Ucrânia ao ponto de Applebaum acreditar que “o termo ‘descossauização’ talvez tenha inspirado a ‘deskulakização’, que seria tão central para a política soviética na década seguinte” (APPLEBAUM, p. 70, 2019).

¹⁵ Conferir dados bibliográficos do revolucionário socialista antibolchevique Symon Petliura em <https://www.encyclopediaofukraine.com/display.asp?linkpath=pages%5CP%5CE%5CPetliuraSymon.htm>. Acesso em 04/04/2024.

Houve vários processos de ucranização no contexto da Revolução bolchevique, houve ucranianos que se juntaram aos bolcheviques queriam “ucranizar” o bolchevismo¹⁶ (SUBTELNY, 2009, p. 384). O foco das ações afirmativas de formação de uma Ucrânia “ucraniana” para a formação de consciência nacional soviética demandava também ucranização da economia, do partido, da atividade social, das cidades, das escolas (DZYUBA, 1968, p. 128-129). É nesse contexto que a política de indigenização estabelece o uso de língua local no aparato de Estado e desenvolvimento cultural e social de diversas nacionalidades (SUBTELNY, 2009, p. 387; SERHYICHUK, 2022, p. 75). A política de ucranização foi anunciada em abril de 1923 e implementada em abril de 1925, o que atraiu sovietófilos galicianos para a URSS (MOTYL, p. 57, 1980). Assim havia uma propaganda positiva da Ucrânia soviética para os de fora com a NEP e a ucranização (op. cit., p. 59). Naquele contexto, a língua ucraniana era considerada uma língua “reacionária” (APPLEBAUM, 2019, pp. 105-6). Entretanto como apontei anteriormente, Lenin percebera que não poderia ignorar o nacionalismo na Ucrânia e haveria compatibilidade da ucranização com sovietação (op. cit., 107).

Apesar do valor atribuído a essa política, para alguns autores, a ucranização não passou de uma “farsa feita por Moscou” (SERHYICHUK, 2022, p. 92). Não parecia que havia de fato um empenho para a sua execução, já que para “pulverização e desnacionalização do ucranismo”, Moscou resolveu em 1925 alocar na Ucrânia dois milhões de pessoas (russos e belarussos) que seria mão-de-obra no Donbas (op. cit., p. 78). Além desta região, russos se estabelecem em Kharkiv naquele período (op. cit., pp. 80-2). Assim ocorre a russificação dos principais centros industriais da Ucrânia soviética (op. cit., p. 85). Depois do Holodomor, a russificação dos ucranianos ganha mais força com o estabelecimento de mais russos e belarussos em “vastas” terras ucranianas (op. cit., p. 236, 238). A primeira medida da ucranização foi a expansão do uso da língua ucraniana no partido e no governo, além da educação, em um período de promoção da educação em massa (SUBTELNY, 2009, p. 388). Há uma revitalização da mídia em língua ucraniana, com o estímulo da imprensa e publicações de livros, sempre no contexto que visava a construção de um “comunismo

¹⁶ No contexto da União Soviética há a formação do PC da Ucrânia (PC(b)U), que é russificado (SERHYICHUK, 2022, p. 53). Há também no contexto do início do que seria a URSS da intenção de russificar os ucranianos fora da RSS da Ucrânia (op. cit., p. 55).

nacional” (op. cit., pp. 289-390). É importante lembrar também que o movimento nacional no leste da Ucrânia tinha fortes laços com o socialismo (op. cit., p. 391).

O ministério da educação induziu a volta de intelectuais que havia saído na guerra civil na década de 1920, com destaque para a volta em 1924 do supracitado historiador Mykhailo Hrushevskyi¹⁷, um socialista oponente dos comunistas (op. cit., p. 398). Seu envolvimento com indigenização vai até os anos 1930, quando é substituída pela russificação na URSS (SIMONE, 2022, p. 444). Naquele contexto, a academia ucraniana é identificada como um bastião de tendências “nacionalistas burguesas” (op. cit., p. 399). A promoção da língua ucraniana ocorre em contextos em que era “baixa” o pertencimento a Ucrânia ou a aderência a algum ucrainismo na vida cotidiana, já que a maioria da população urbana, dos habitantes de cidades ucranianas não falava ucraniano (APPLEBAUM, 2019, p. 113). De qualquer forma, a “ucranização” serviria para aplacar os nacionalistas ucranianos e atraí-los às estruturas soviéticas de poder ao incluir a nomeação a cargos de ucranianos étnicos (op. cit., p. 131). Os planos de ucranização vão oficialmente até 1932 (op. cit., p. 98). É no contexto do Holodomor, que há a suspensão da ucranização, a começar por territórios fora da Ucrânia soviética (op. cit., pp. 127-8). Havia naquele contexto uma desconfiança crescente de Stalin do proletariado ucraniano “que com a ucranização se achava mais ucraniano” (op. cit., p. 100). O ditador soviético estava também “preocupado com a forte influência da ucranização sobre as massas trabalhadoras no Cáucaso do norte” (op. cit., p. 101). Podemos dizer que

Vê-se que a luta contra o nacionalismo ucraniano, para Stalin e seus correlegionários no Kremlin, era a principal, e por isso eles partiram para medidas extremas, provocando a mortandade do campesinato ucraniano pela fome artificial por ser ele a base material de apoio ao movimento do povo ucraniano pela libertação nacional (op. cit., p. 117)

Desta forma, a ucranização foi a antessala para o genocídio do povo ucraniano pela fome, que ao mesmo tempo que se apropria dos grãos da Ucrânia para o desenvolvimento

¹⁷ Desde o século XIX, os historiadores foram fundamentais para o desenvolvimento da consciência nacional ucraniana. Um dos primeiros foi Volodymyr Antonovych, que tinha origem polonesa, mas nascido na Ucrânia (“Pequena Rússia”) e não na Galícia (SIMONE, 2022, p. 441). Entre os seus discípulos encontramos o maior historiador da Ucrânia, Mikhaylo Hrushevskyi, que foi presidente da *Rada* Central no contexto da Revolução Ucraniana (1917-21), que, como aponto aqui, volta para a Ucrânia em 1924 para trabalhar na ucranização (op. cit., pp. 443-4).

industrial da URSS e alimenta o proletariado urbano, ele destrói a nação ucraniana essencialmente camponesa e visto como ameaça a existência da URSS e ao projeto comunista.

Mesmo com o reconhecimento de que houve fome entre 1932 e 1933, houve tentativa de intelectuais russos de negar que o alvo era a nação ucraniana: as razões teriam sido de classe, em que os alvos seriam os *kulaks* (SERHYICHUK, 2022, pp. 119-20). Na verdade, naquele contexto explodiam muitas acusações que identificavam os ucranianos aos *kulaks*, o que podemos contatar em textos escritos pelo jornalista Garreth Jones (2022)¹⁸. Em 1932, Stalin tenta exterminar “o nacionalismo burguês ucraniano” e erradica “todas as manifestações da nacionalidade ucraniana, vida nacional, cultural e liquida os quadros educacionais e científicos” (DZYUBA, 1968, p. 130). De fato, Stalin não reconhecia a Ucrânia enquanto nação ao ponto de apontar que a “nação ucraniana” teria sido invenção dos alemães (op. cit., p. 207). Ele tentou destruir a nação ucraniana com a desnacionalização, que era de fato uma russificação, através do exercício do poder imperialista soviético (op. cit., p. 210). Com o fim da ucranização com a centralização veio a russificação (SUBTELNY, pp. 421-23), o nacionalismo local passa a ser encarado como maior ameaça a unidade soviética naquele contexto do fim da ucranização (op. cit., p. 422). A “política stalinista” para tirar do povo ucraniano qualquer traço de sentimento e consciência nacional focou a destruição da nação ucraniana para além do campesinato, a base da nação ucraniana, atingindo também a intelligentsia (DZYUBA, 1968, p. 53).

A Ucrânia é tomada por um novo processo de russificação, agora sob a forma de sovietação, que não passava de uma forma de russificação disfarçada, mas com um mesmo objetivo: a destruição da ideia de nacionalidade ucraniana (APPELBAUM, p. 18, 2019).

¹⁸Além de tratar brevemente sobre política de russificação (JONES, 2022, pp. 137-8), em várias partes do texto, o autor tenta dar definições do que é *kulak*, já que na URSS, não havia uma definição formal ou jurídica para esta classe social. *Kulak* é definido como “camponês que possui mais de 3 vacas” (op. cit., p. 27) ou “camponeses comuns que tem uma vaca ou duas” (op. cit., p. 155), à primeira definição pode ser acrescentada também que se trata daqueles que “empregam mão-de-obra” (op. cit., pp. 57, 70). Também são classificados como “classe capitalista de camponeses mais ricos” (op. cit., pp. 53, 64, 91), como “aqueles camponeses ricos que tinham terra e empregavam mão-de-obra” (op. cit., pp. 91-92), como “capitalistas das aldeias” (op. cit., p. 133), como “camponeses mais ricos e mais trabalhadores” (op. cit., p. 155) ou “homens mais trabalhadores” (nas aldeias) (op. cit., p. 166). Outra definição, jocosa aliás, para *kulaks* é “aqueles míticos bodes expiatórios da fome da Rússia” (op. cit., p. 102). Estas informações foram extraídas da primeira publicação de Jones em língua portuguesa no Brasil. É importante apontar que está disponível uma cinebiografia de Jones no Netflix intitulado originalmente “Mr. Jones” (no Brasil se chamou “A Sombra de Stalin”), lançado em 2019. Conferir <https://www.netflix.com/br/title/81256391>. Acesso em 01/12/2023.

Applebaum aponta exemplos de desucranização (op. cit., pp. 280-281), incluindo campanhas de reassentamentos que configuravam como forma de russificação, com o estabelecimento de indivíduos russos em regiões onde viviam ucranianos, como citado por outros autores, marcando o fim e o fracasso da ucranização (op. cit., p. 368). Assim o processo não oficial de sovietação é uma nova russificação que marca o contexto pós-fome na Ucrânia soviética (op. cit., p. 446).

A fome artificial foi insistentemente negada, nunca reconhecida pela URSS ou pela Federação Russa. O Holodomor, terminologia adotada no período pós-soviético, já fazia parte da memória dos ucranianos na década de 1960 como nos lembra Dzyuba que na URSS “milhões de camponeses foram aniquilados na fome artificial de 1933” (DZYUBA, 1968, p. 131). A centralização e controle da Rússia pôs fim para os ucranianos da construção de seu próprio “caminho para o comunismo” (SUBTELNY, 2009, p. 403). Alguns anos depois do genocídio pela fome, entre as causas elencadas como diretrizes que causam o Holodomor estava o “controle de fronteiras, fim da ucranização e lista negra” (APPLEBAUM, p. 248, 2019). O *Politburo* em dezembro de 1932 chegou a culpar a ucranização pelo fracasso das aquisições de grãos, ao apontar como problema a questão da lealdade deste povo (op. cit., p. 266).

A política de ucranização estava em descompasso: ela fora executada “mecanicamente”, explicava o decreto, sem muita atenção aos propósitos a que deveriam servir. Em vez de fomentar os interesses da URSS, a ucranização permitiu que “elementos nacionalistas-burgueses, *petliuristas* e outros” criassem células contrarrevolucionárias secretas dentro do aparato estatal. O tratado também investia contra a “irresponsável ‘ucranização’ não bolchevique no norte do Cáucaso”, que proporcionara cobertura legítima aos “inimigos do poder soviético” (op. cit., p. 268).

Desta forma “(...) as ordens que ligavam a ucranização à requisição de grãos também marcaram o fim do movimento nacionalista ucraniano na URSS” (op. cit., p. 276). Até indivíduos foram acusados de “ucranizar”, como se fosse um crime, vide o caso de Mikola Skrypnyk, um bolchevique, acusado de “ucranizar” crianças russas a força em fevereiro de 1933 (op. cit., p. 277). É importante apontar que houve retrocessos na ucranização antes da resolução de dezembro de 1932 (SERHYICHUK, 2022, p. 251). O campesinato foi alvo da política genocida stalinista, no contexto de interseção entre classe social e nacionalidade, já

que o campo era o “guardião da língua ucraniana” (DZYUBA, 1968, p. 138). A revolução e o processo de construção do comunismo não lograram eliminar a “iniquidade de culturas” criado “por séculos de opressão” (op. cit., p. 141).

No contexto do fim da ucranização, não houve suspensão da valorização de outras nacionalidades como a belarussa, tampouco houve deportação de contingentes de aldeias belarussas, onde não eram atingidas as cotas de produção agrícola (SERHYICHUK, 2022, p. 266). Desta forma, vemos que o alvo não eram só os grãos, mas os grãos dos camponeses ucranianos, depois qualquer tipo de alimento, visando sua destruição, seguido pela substituição da população ucraniana morta ou deportada por russos, ou seja, através da russificação, por isso Lemkin fez uma associação entre russificação com o genocídio do povo ucraniano (op. cit., p. 304). O Holodomor fez os ucranianos negarem sua nacionalidade (op. cit., pp. 247-8). Hoje é público e notório que no período em que ocorreu o genocídio circularam, na cúpula do partido comunista da URSS, documentos que associavam a ucranização com “elementos nacionalistas burgueses”, “petliuristas” (op. cit., p. 248). Poucos anos após o Holodomor, há a perseguição a comunistas ucranianos que estavam ligados a ucranização (SUBTELNY, 2009, p. 418). Há o ataque a ucranização e ucranizadores, em um processo ora descrito como contrarrevolução cultural com o objetivo de promover a desvalorização da cultura e língua ucranianas em detrimento a russa (op. cit., pp. 418-419, p. 422). É o prelúdio para o Grande expurgo de 1937-38 que envolveu toda a URSS e todas as categorias de pessoas (op. cit., p. 420). Desta forma, fica claro através de relatos de bolcheviques que mostram que a fome foi usada para combater “elementos nacionalistas” (SERHYICHUK, 2022, p. 258)

Devido à pressão da crescente conscientização nacional da população ucraniana, o governo bolchevista inicialmente se viu forçado a ceder temporariamente posições também fora das fronteiras oficiais da RSS as lideranças intelectuais locais ainda que se desse grande importância à ucranização, resultados construtivos satisfatórios ainda não aparecem principalmente nos grandes centros; Essa política caminha assim porque não há nela interesse decisivo por parte do centro [tradução livre da língua inglesa] (op. cit., p. 259)

A consciência nacional ucraniana alicerçada na expressão de elementos de cultura ucranianos fez com que para Stalin, mas também para Putin hoje, a Ucrânia se tornasse uma ameaça ao poder imperialista de Moscou.

5. UCRANIZAÇÃO DURANTE A SEGUNDA GUERRA, PÓS-GUERRA E DESCOLONIZAÇÃO

A Segunda Guerra Mundial pode ser dividida em duas fases para os ucranianos: na primeira (1939-1941) em que a URSS ocupa os territórios da Ucrânia Ocidental e na segunda (1941-1945), em que os territórios ucranianos são invadidos pela Alemanha Nazista (SUBTELNY, 2009, p. 453). Este período marca o início do conflito entre nazistas e soviéticos e foi chamado pelos russos/soviéticos de “Grande Guerra Patriótica”. A partir de 1941, a Alemanha ocupa os territórios ucranianos, que são nos dois últimos anos da guerra reconquistados pela URSS. A ocupação soviética na Ucrânia Ocidental marca a presença dos “irmãos” (russos/soviéticos) e um novo regime de “ucranianismo”, já que é possível falar em ucranização do sistema de ensino na 1ª fase da Segunda Guerra Mundial na Ucrânia (op. cit., pp. 454-455). Como mostra Armstrong (1963) a luta pela ucranização foi um elemento determinante para alianças que hoje podem ser consideradas, no mínimo, polêmicas do movimento nacionalista antes e durante a Segunda Guerra Mundial. Naquele contexto, sob ocupação nazista, houve também uma luta pela ucranização da vida cultural em territórios ucranianos (ARMSTRONG, 1963, p. 222). Era uma ação hercúlea porque muitas cidades na Ucrânia Oriental eram russificadas, entretanto houve um trabalho para ucranização da classe trabalhadora urbana que era russófona desde o século XIX (op. cit., pp. 238, 248).

Alguns autores apontam que houve russificação de todos os ucranianos a partir da conquista dos territórios ucranianos no contexto da Segunda Guerra Mundial (LOUREIRO, 2022, p. 58). Por outro lado, Subtelny afirma que houve uma ucranização da Galícia, mas no modelo soviético, com a IGCU, uma das igrejas nacionais da Ucrânia, abolida em março de 1946 (SUBTELNY, 2009, p. 35). Os soviéticos teriam aceitado certo grau de “ucrainismo” (ou ucranização) da Galícia no pós-Segunda Guerra com ensino em língua ucraniana ou ucraniana e russa, um processo concomitante ao de despolonização da região (op. cit., p. 60). Por outro lado, na segunda metade do século XX, imigração de ucranianos em geral tem como destino outras repúblicas soviéticas, ao passo que russos se dirigem para a Ucrânia, o que constitui parte do processo de russificação da Ucrânia (DZYUBA, 1968, p. 110). Esta russificação através do contingente de imigração de russos na Ucrânia, ocorre sobretudo nas regiões do leste e do sul (SUBTELNY, 2009, p. 524).

O processo linguístico de russificação da Ucrânia no pós guerra pode ser constatado no censo de 1959, onde identificamos uma questão-chave atualmente ao identificar que a população russa aumenta na Ucrânia, a partir da adoção de língua russa por ucranianos (ARMSTRONG, 1963, pp. 305-306). Entretanto mesmo com a educação elementar ucranizada na década de 1950, em especial na Ucrânia Ocidental, então parte da URSS, observamos através de dados que o aumento do nível de educação leva a russificação, já que o russo era a língua do ensino superior na região (SUBTELNY, 2009, p. 492). Isto faz com que as tentativas iniciais de ucranização não passassem de uma versão moderna do “pequeno russismo” do século XIX (op. cit., p. 499).

Houve uma reforma educacional em 1958 quando a instrução passa a ser na língua escolhida por pais, o que na prática só deu continuidade a russificação (op. cit., p. 502). Em outras palavras, a russificação continua no governo de Krushchev no final da década de 1950 e início da década de 1960 (DZYUBA, 1980, p. 33). Outra manifestação russificadora disfarçada que marcou a década de 1950 foi a celebração da parceria russo-ucraniana em 1954 com os 300 anos do Tratado de Pereiaslav em que a Rússia “cede” a Crimeia para a Ucrânia, e, a partir daquele momento, a Ucrânia tenta enviar ucranianos para a Crimeia ou seja, tentam promover a ucranização (LOUREIRO, 2022, p. 58; SUBTELNY, 2009, pp. 499-500). A década de 1960 é marcado pelo conservadorismo nas políticas internas da URSS em que há o aumento da russificação nas nações que estavam compondo a URSS (SUBTELNY, 2009, p. 510), entretanto há alguma oposição a este processo com “Conferência contra a russificação” ocorrida em 1963 (op. cit. p. 516), constituindo uma reação a agenda da russificação disfarçada (op. cit., p. 521).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A russificação se deu pela imposição da língua russa, o que contribuiu para a mudança de grupo etnonacional e por um aumento de contingente populacional de russos na Ucrânia. Quando o livro de Subtelny foi escrito, na década de 1980, a população russa na Ucrânia era de 21%¹⁹ (op. cit., p. 525). Outro fator importante é a questão dos casamentos interétnicos que eram comuns (Idem). Com a abertura na década de 1980, há protestos contra a

¹⁹ Subtelny apresenta um mapa com os falantes de russo na Ucrânia em 1970 (SUBTELNY, 2009, p. 522).

russificação (op. cit., p. 533) e há o recomeço da luta pela língua ucraniana, ou seja, contra a russificação, sobretudo em 1986 (op. cit., p. 536). Com a independência da Ucrânia, ou o restabelecimento do Estado Ucraniano, havia a expectativa da formulação de um programa sistêmico de ucranização em 1991, o que não aconteceu (op. cit., p. 606).

Na Ucrânia houve uma política mais liberal com minorias, o que incluíam os russos cujo número era de 11 milhões de pessoas no início da década de 1990 (op. cit., p. 607). Até houve algumas tentativas de ucranização linguística, mas a resposta foi a resistência em alguns contextos (op. cit., p. 608). A década de 2010 trouxe o Euromaidan, seguido da anexação da Crimeia e início da guerra no Donbas. Atualmente, pós invasão de 2022, vemos uma espécie de Nacionalismo imperial, direcionado a Kyiv, e “ucrainofobia” de Putin desde que voltou a presidência em 2012 (KUZIO, 2022, pp. 90-1). Processos etnificadores ou desetnificadores seguem em curso: podemos identificar a tentativa de “belarussificação” da Ucrânia, a explicação para a “desnazificação” que consistiria na eliminação das elites ucranianas, políticos pró-ocidentais, líderes religiosos, ativistas cívicos e jornalistas. Em suma, a “desnazificação” da Ucrânia proposta por Putin significaria a prisão de qualquer ucraniano que se opusesse à sua ocupação (op. cit., p. 96).

A partir a invasão em total escala da Rússia na Ucrânia, ganharam notoriedade as polêmicas e discriminatórias leis ucranianas de descomunização e ucranização (2015-2019) (RUSEISHVILI, 2023, p. 22). Estas tiveram grande apoio do ex-presidente nacionalista Petro Poroshenko, sobretudo, no final de seu governo²⁰ (ISHCHENKO, 2023, p. 102). Descomunizar é desrussificar, já que a sovietação esteve desde a década de 1930 unido a russificação, entretanto, nos últimos anos, Putin denunciou a “dessovietização” e apontou que o Estado ucraniano não teria legitimidade como expôs em discurso no dia 21/02/2022 (RUSEISHVILI, 2022, p. 25). Três dias depois, ele iniciaria uma guerra total que “significava para ele a reparação histórica de uma grande injustiça geopolítica cometida pela realização da noção da autodeterminação dos povos defendida por Lênin” (op. cit., p. 26). O processo de russificação tem um caráter colonial. Desta forma, é preciso denunciar que a Ucrânia luta no contexto de descolonização, ou seja, de dessovietização, por isso que para Putin “a descolonização é o retorno ao status quo pré-soviético” (Idem).

²⁰Sobre as “Leis de descomunização” que proibiram símbolos e partidos comunistas conferir LYUCHENKO, 2023, p. 158.

Ferraro também compreende que há hoje na Ucrânia um processo de “desruficação” que é uma “descolonização” (FERRARO, 2022, p. 134). O autor cita artigo de propaganda contra a população (ucraniana) “nazificada”, para revelar que o objetivo por trás da “desnazificação”, é o da desucranização (op. cit., pp. 142-143). Essa é a versão moderna da russificação e da estigmatização do “Ocidente” decadente, parte da estratégia de Putin de legitimar seu imperialismo, sua guerra genocida de agressão e anexação que deve ter interpretada e compreendida através da perspectiva do pós-colonismo (THOMAZ, 2022, p. 385). É fundamental no atual contexto que ouçamos as únicas vítimas da guerra, a população ucraniana como nos alerta Ruseishvili, uma socióloga russa nascida na Geórgia, criada na Ucrânia²¹ e radicada no Brasil

Sem ouvir os ucranianos e sem valorizar a sua própria interpretação do conflito reproduziremos infinitamente a **violência epistemológica imperialista** [grifo nosso] contra o sujeito colonizado que só existe por intermédio de sua representação feita pelo colonizador (RUSEISHVILI, 2023, pp. 9-10)

Desta forma, tanto as categorias ucranização quanto russificação podem ser usadas em contextos históricos distintos, podendo até abranger a Ucrânia atualmente, onde há em curso uma guerra pela soberania contra um Império genocida.

²¹ A autora se situa e estabelece um lugar de fala, ao apontar que nasceu na Geórgia, que é de uma família russófona e que cresceu em Kyiv, onde nunca se deparou com “qualquer tendência chauvinista” e que reconhece a legitimidade da luta do povo ucraniano (RUSEISHVILI, 2022, p. 26).

REFERÊNCIAS

APPLEBAUM, Anne. **A FOME VERMELHA:** a guerra de Stalin na Ucrânia. Rio de Janeiro. Record, 2019.

ARMSTRONG, John A. Ukrainian Nationalism. Nova York: Columbia University Press, 1980, [1st ed. 1963].

DZYUBA, Ivan. Internationalism or Russification? A study in the Soviet nationalities problem. London. Weidenfeld & Nicolson, 1968.

FERRARO, Vicente. “**AS CONTRADIÇÕES NOS ARGUMENTOS DE PÚTIN PARA INVADIR A UCRÂNIA:** os mitos da Otan, da proteção de minorias e da desnazificação”. In **JALLAGEAS, Neide & GOMIDE, Bruno (org.).** Ensaios sobre a Guerra Rússia Ucrânia 2022. São Paulo. Kinoruss, 2022.

GUÉRIOS, Paulo Renato. Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná. Tese de Doutorado (Programa de pós-graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGAS/UFRJ). Rio de Janeiro, 2007.

ISHCHENKO, Volodymyr. “**EM DIREÇÃO AO ABISMO:** a política ucraniana após o Euromaidan”. In **RUSEISHVILI, Svetlana (org.).** **GUERRA NA UCRÂNIA:** olhares não hegemônicos. São Carlos. EDUSCAR, 2023.

JONES, Gareth. **FOME NA UCRÂNIA:** os relatos do front do Holodomor. (Organização e tradução de Duda Teixeira). São Paulo. Avis Rara, 2022.

KUZIO, Taras. “**TRÊS REVOLUÇÕES E DUAS INVASÕES:** como a Ucrânia se tornou uma nação”. In **LOUREIRO, Felipe (org.)** **LINHA VERMELHA:** a Guerra da Ucrânia e as relações internacionais. Campinas. Editora da Unicamp, 2022.

LENIN, Vladimir. “Para a questão das nacionalidades ou da ‘autonomização’”. In Ponto e Vírgula - PUC SP - No. 21 - Primeiro Semestre de 2017 - p. 96-105

LYUBCHENKO, Olena. “Na fronteira da branquitude? Expropriação, guerra e reprodução social na Ucrânia” In RUSEISHVILI, Svetlana (org.). **GUERRA NA UCRÂNIA: olhares não hegemônicos**. São Carlos. EDUSCAR, 2023.

LOUREIRO, Felipe. “**REFLEXÕES SOBRE A LONA HISTÓRIA DE CONSTRUÇÃO NACIONAL RUSSA E UCRANIANA: do Principado de Kiev ao governo Volodymyr Zelesnky**”. In **LOUREIRO**, Felipe (org.) **LINHA VERMELHA: a Guerra da Ucrânia e as relações internacionais**. Campinas. Editora da Unicamp, 2022.

MAGOCSE, Paul Robert. **THE ROOTS OF UKRAINIAN NATIONALISM: Galicia as Ukraine’s Piedmont**. Toronto, Buffalo & London. University of Toronto Press, 2002.

MOTYL, Alexander J. **THE TURN TO THE RIGHT: The Ideological Origins and Development of Ukrainian Nationalism, 1919-1929**. Nova York. Columbia University Press, 1980.

RUSEISHVILI, Svetlana. “**ESLAVOS NA EUROPA: Desigualdades Socioeconômicas e generificadas e o deslocamento forçado ucraniano**”. In SBS Discute. Disponível em <https://sbsociologia.com.br/eslavos-na-europa-desigualdades-socioeconomicas-e-generificadas-e-o-deslocamento-forcado-ucraniano/>. Publicado em 25/04/2022. Acesso em 06/06/2024.

_____. In “**INTRODUÇÃO – AS PERSPECTIVAS NATIVAS SOBRE A GUERRA RUSSO-UCRANIANA: um exame engajado**”. In **RUSEISHVILI**, Svetlana (org.). **GUERRA NA UCRÂNIA: olhares não hegemônicos**. São Carlos. EDUSCAR, 2023.

SERHIYCHUK, Volodymyr. **HOLODOMOR 1932-1933: genocídio do povo ucraniano**. Curitiba: Representação Central Ucraniano-Brasileira, 2022.

SETON-WATSON, Hugh. **NATIONS AND STATES: An Enquiry into the origins of nations and the politics of nationalism.** Londres: Methuen & Co., 1977.

SIMONE, Lucas. “**A GUERRA NA UCRÂNIA: alguns elementos explicativos (ensaio impressionístico)**”. In **JALLAGEAS**, Neide & **GOMIDE**, Bruno (org.). Ensaaios sobre a Guerra Rússia Ucrânia 2022. São Paulo: Kinoruss, 2022.

SUBTELNY, Orest. **UKRAINE: A History.** Toronto, Buffalo e Londres: University of Toronto Press, 2009 (4a ed./ 1a. 1988).

THOMAZ, Omar Ribeiro. “E se não for dobre o Ocidente? Determinação e pavor na invasão russa da Ucrânia”. In **JALLAGEAS**, Neide & **GOMIDE**, Bruno (org.). Ensaaios sobre a Guerra Rússia Ucrânia 2022. São Paulo: Kinoruss, 2022.